COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA: reflexões sobre o saber e o viver

RIVERSIDE COMMUNITIES IN THE AMAZON: reflections on knowing and living

Marcelo Silva da Conceição[1]

Michelle Cristina Ribeiro Sodré[2]

Sérgio Luiz Cortinhas Ferreira Filho[3]

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade a sucinta e importante reflexão sobre as comunidades tradicionais num contexto amazônico, bem como abordar sobre o processo de colonização e exploração da Amazônia, conhecendo e compreendendo as especificidades da organização dos povos ribeirinhos e seus desafios diante do desenvolvimento tecnológico e dificuldade de acesso a políticas públicas. Para além disto, objetivou-se evidenciar também a vivência e conhecimentos deste povo, uma vez que são fundamentais peças na construção identitária da região amazônica. Esta reflexão se deu através dos diálogos e debates recorrentes nas aulas da disciplina "Formação Social Brasil e Amazônia", do Programa de Pós-graduação em Serviço Social – PPGSS da Universidade Federal do Pará – UFPA. Como metodologia utilizou-se o levantamento bibliográfico para melhor embasar a temática.

Palavras-chave: Amazônia. Comunidades tradicionais. Ribeirinhos.

ABSTRACT

The purpose of this work is to succinctly and importantly reflect on traditional communities in an Amazonian context, as well as to address the process of colonization and exploration of the Amazon, knowing and understanding the specificities of the organization of riverine peoples and their challenges in the face of technological and difficulty in accessing public policies. In addition to this, the aim was also to highlight the experience and knowledge of this people, since they are fundamental pieces in the construction of identity in the Amazon region. This reflection took place through recurrent dialogues and debates in the classes of the discipline "Social Training Brazil and the Amazon", of the Postgraduate Program in Social Service – PPGSS at the Federal University of Pará – UFPA. As a methodology, the bibliographic survey was used to better support the theme.

Keywords: Amazon. Traditional communities. Riverside.

[1] Universidade Federal do Pará; Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social; scmarcelosilva@gmail.com.
[2] Universidade Federal do Pará; Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social; michellesodre68@gmail.com.
[3] Universidade Federal do Pará; Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social; sergiocortinhas@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Partindo do entendimento de que a Amazônia é uma região de vasta diversidade e que carrega consigo uma difícil tarefa de conceituá-la ou mesmo delimitá-la, este trabalho fará uma discussão acerca de um segmento que se encontra diretamente ligado a vivência cotidiana da região, trazendo para mais perto da academia um pouco da história de seu povo, evidenciando o saber e o viver das comunidades ribeirinhas através de estudos clássicos e contemporâneos.

Para tanto, sabe-se que apesar da resistência e conhecimento dos índios acerca da vida na Amazônia, durante os séculos de colonização os mesmos foram vistos pelos colonizadores em sua maioria como inferiores e obrigatoriamente submissos a seus mandamentos. De acordo com Castro e Campos (2015), o início da colonização portuguesa foi um passo decisivo no processo político que revestia o domínio e a confirmação das possessões coloniais. Soma-se a isto os vários séculos de ocupações territoriais violentas, cheios de domínios e disputas, mas também alianças entre as comunidades tradicionais indígenas e os colonizadores europeus, além de conflitos com os povos africanos que foram retirados a força de seus territórios para servirem à escravidão.

Do ponto de vista da história social, são mostradas importantes proporções do processo de dominação e das maneiras de luta que sempre estiveram presentes na Amazônia, como as batalhas que se fizeram presentes na Província do Grão-Pará e Maranhão durante a colonização. Segundo Castro e Campos (2015), a expansão colonial, deslocamento dos portugueses, formação de milícias, construção de fortificações e as alianças com os povos indígenas foram sempre acompanhados de deslocamentos na povoação que hoje é a Amazônia, por parte dos índios, haja vista as guerras empreendidas, fugas para outros territórios, catequese, escravidão etc.

Conforme Brigida, Cunha e Silva (2016) documentos pesquisados sobre o período colonial confirmam o fim de muitas aldeias e mudanças forçadas para territórios mais distantes, ditos mais seguros, bem como exprimem a dificuldade dos colonizadores na “saga da conquista”. A presença de mocambos de índios e pretos era mais forte em determinadas regiões, que hoje correspondem a estados da

Amazônia legal, tais como Marajó, vale do baixo Tocantins, Belém e áreas do entorno, Região Bragantina, entre outros.

De acordo com Moreira (1960), a Amazônia não é somente uma área vulnerável de ser delimitada, mas também uma potência econômica, uma vez que têm-se na mesma inúmeras possibilidades a serem estudadas. Chaves (2001) evidencia as relações capitalistas que marcam as políticas públicas existentes na região, refletindo diretamente no modo de viver das comunidades tradicionais, dentre estas a comunidade ribeirinha, que é sobre este estudo abordará.

Para tanto, diante do exposto, enfatiza-se que a Amazônia e seu povo viabilizam a quem precisar elementos que colaboram para o bem-estar, seja este material ou espiritual; no entanto, a escassez de políticas públicas não proporciona condições existenciais para as comunidades. A importância do povo nativo da Amazônia ultrapassa qualquer esfera, haja vista que, segundo Silva (2014), as comunidades tradicionais, antes mesmo dos cientistas, são o povo que possui o conhecimento empírico necessário para utilização e manuseio de recursos, como por exemplo os alimentares.

Dentro do que se denomina comunidades tradicionais, mais especificamente falando, têm-se as comunidades ribeirinhas, as quais vivem as margens de rios e sobrevivem de acordo com mas condições impostas pela natureza. Chaves (2001) diz que a população ribeirinha é exemplo e referência entre os povos tradicionais pela maneira como se comunicam, bem como pelo tempo em que passam em contato com a natureza, aprimorando diariamente seus conhecimentos sobre a água, fauna e flora.

Mendonça et al. (2007, p. 94) descreve em sua obra que

> O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearam a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto desenvolveram-se o homem e a sociedade amazônica, ao longo de um secular processo histórico e institucional.

Ao se tratar de Amazônia, sabe-se que os conhecimentos e vivências foram adquiridos através de um processo predominantemente indígena, onde ao serem inseridos na sociedade, foram adaptando-se diante de seus colonizadores, bem como,

segundo Mendonça et al. (2007), por imigrantes Nordestinos e de outras cidades brasileiras, que também trouxeram seus valores.

Nesse sentido, o trabalho aqui discutido fará um estudo acerca das comunidades ribeirinhas da Amazônia, evidenciando o saber e o viver deste povo, objetivando mostrar a maneira como essas pessoas vivem, convivem e propagam seus conhecimentos. Como procedimento metodológico realizou-se levantamento bibliográfico de autores clássicos e contemporâneos.

O trabalho está dividido em quatro sessões, sendo a primeira esta introdução; a segunda denominada *Comunidades tradicionais: breve contextualização,* a qual fará pequena discussão acerca do que são as comunidades tradicionais e suas características; a terceira denominada *Comunidades ribeirinhas da Amazônia: reflexões sobre o saber e o viver,* trazendo a especificidade histórica dos ribeirinhos; e na última constam as considerações finais.

2 COMUNIDADES TRADICIONAIS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

No período em que ocorreu a conquista do País, os índios resistiram ao genocídio imposto aos mesmos na época. Em vias diretas, lutaram por suas vidas e, de maneira violenta e segregada, conseguiram sobreviver. De acordo com Silva (2014), atualmente essas populações continuam lutando por direito ao território e reconhecimento de seus saberes, uma vez que as questões relacionadas a exploração de recursos naturais e a ocupação do espaço em prol do “desenvolvimento” estão diretamente ligadas aos problemas que ocorrem na Amazônia.

Diante do exposto, faz-se necessário falar sobre o território em si, haja vista o ambiente no qual as comunidades tradicionais se desenvolvem e traçam o cotidiano. Trata-se da maior floresta tropical do mundo, que segundo Silva (2014, p.51)

> Além de abrigar a maior parte das espécies da biodiversidade do planeta, a Amazônia é uma fonte de produtos inseridos na economia – em maior ou menor escala – na produção de alimentos, na indústria farmacêutica e de cosméticos e outros usos econômicos, na geração de trabalho e renda, garantindo a reprodução social de populações tradicionais de um lado e, de outro, agentes vinculados às atividades agroextrativistas, pecuaristas e mineradoras.

De acordo com Diegues (1996), algumas características são bastante importantes e necessárias quando o assunto é conceituar as comunidades tradicionais, dentre elas estão: a dependência da natureza para fins de sobrevivência; conhecimento da natureza e o repasse de conhecimento para gerações futuras; ocupação do território por várias gerações; importância das atividades de subsistência; reduzido acumulo de capital; importância da simbologia; e auto-identificação ou identificação feita por outros, com uma cultura distinta das outras. O autor cita ainda que as comunidades, em sua maioria, acabam tendo baixa densidade populacional.

> A construção do saber tradicional possui inúmeras peculiaridades. É um saber alicerçado na vivência dos indivíduos, nas suas relações pessoais, sociais e também com o ambiente. Pode-se afirmar que o conhecimento tradicional é fruto do trabalho e das descobertas de um grupo, o que justifica sua riqueza e diversidade (MENDONÇA et al., 2007, p. 96).

Nesse sentido, acredita-se que a comunidade tradicional em si é o ambiente onde se concretizam as relações sociais, estilos de vida e saberes repassados, evidenciando sempre a importância de sua cultura, nunca perdendo, dessa maneira, a construção e essência da sua identidade.

3 COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA: REFLEXÕES SOBRE O SABER E O VIVER

As comunidades tradicionais são caracterizadas como trabalhadores da terra, ou seja, trabalhadores que desenvolvem formas de produção ligados a natureza. Para exemplificar, comunidades tradicionais são formadas por seringueiros, castanheiros, quebradeiras de babaçu, pescadores artesanais, marisqueiras, caiçaras e, também, ribeirinhos. O termo “ribeirinho” refere-se àquele que anda pelos rios que, por sua vez, “constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças, sobretudo às terras férteis de suas margens” (Fraxe; Pereira; Witkosk, 2007, p. 94). As populações ribeirinhas, em sua maioria, são compostas por pessoas de trabalham com a pesca, agricultura e eventualmente com a comercialização de seus produtos. Como supracitado, vivem a beira dos rios e igarapés, dessa forma, condicionados à sazonalidade da natureza.

Segundo Fraxe, Pereira e Witkosk (2007), a região Amazônica vai além da sua riqueza natural, concentra conhecimentos advindos da sabedoria sobre a natureza, bem como da sua conservação pelas comunidades tradicionais que passam seus conhecimentos de geração em geração dentro do seu grupo. Essa forma de conhecimento empírico tem sua base nas atividades do cotidiano, que de acordo com a função que o integrante ocupa dentro dessa comunidade, pode ser relacionado as plantas, caça, pesca, entre outros. São comunidades que, como cita Durkheim (1978, p. 79) “os valores e crenças unem os indivíduos e a divisão do trabalho não está desenvolvida, assim, o sistema de segmentos são homogêneos e semelhantes entre si, caracterizando a solidariedade mecânica”.

> O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearam a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto desenvolveram-se o homem e a sociedade amazônica, ao longo de um secular processo histórico e institucional (FRAXE; PEREIRA; WITKOSK, 2007, p. 94).

A história da Amazônia começa a ser contada em janeiro de 1500, quando supostamente foi descoberta pelo espanhol Vicente Pinzon que, de acordo com Loureiro (2002), relata ter ocorrido, no primeiro momento, um choque de cultura marcado por ações de violência contra os povos amazônicos, pois mesmo Pinzon tendo sido bem recebido pelos índios da região, o espanhol os aprisionou e os levou para comercializá-los na Europa. Partindo disso, outros viajantes começaram a chegar com a intenção de conquistar e povoar esta terra já ocupada por povos que, na visão dos europeus, eram selvagens, primitivos e preguiçosos, mas que, no entanto, eram “domesticados” e escravizados. Dessa forma, tento em vista os primórdios da colonização da Amazônia, para Reis et al. (2012, p. 431):

> As populações caboclas ou ribeirinhas da Amazônia são produto da miscigenação entre índios e colonizadores portugueses e, posteriormente, escravos africanos trazidos para a região. Isso levou a uma mistura de crenças e lendas, que ainda hoje fazem parte da vida dos ribeirinhos.

De acordo com Leroy e Meireles (2013), com o desenvolvimento de tecnologias e a intensa exploração dos recursos naturais da Amazônia, o modo de vida das

comunidades tradicionais seguem uma linha contraria das atividades geradoras de lucro aos capitalistas, como agropecuária, hidroelétricas, madeireiras, dentre outras atividades, gerando grandes prejuízos ao meio ambiente e consequentemente as comunidades de sobrevivência da terra.

Levando em consideração que a base da colonização da região amazônica foi a violência, Reis *et al.,* (2012) explicita que a formação da população ribeirinha se deu por intensos conflitos que ocasionaram o isolamento desse povo em determinados territórios. Ainda hoje, muitas comunidades ribeirinhas convivem com o isolamento, desenvolvendo sua própria organização social e de trabalho.

Segundo Silva (2010), mesmo vivendo em um ambiente rico em biodiversidade e cultura, a população ribeirinha enfrenta sérios problemas estruturais como ausência de energia elétrica, falta de saneamento básico, dificuldade de acesso à educação e saúde. Para além disso, convivem ainda com o pouco ou nenhum conhecimento sobre seus direitos e políticas públicas. “Quando essas são desenvolvidas, não são levados em consideração as especificidades dessas populações refletindo em problemas que os assolam na esfera econômica, de educação e de saúde” (Silva, 2010, p. 343).

4 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho sobre o qual debateu-se as Comunidades Tradicionais com ênfase nos ribeirinhos, teve-se como ensejo refletir brevemente sobre o histórico de colonização e exploração da Amazônia, modo de vida, organização e cultura dos ribeirinhos no contexto Amazônico e seus desafios.

É importante compreender que a Amazônia não se limita apenas a fonte de recursos naturais, deve se levar em conta a identidade amazônica com sua especificidade territorial e seus povos. As comunidades tradicionais são fonte de uma gama de conhecimento que vai desde o manejo sustentável da natureza até a cultura, saberes e crenças, superando uma visão que desconsidera a historicidade, cultura e identidade destes atores sociais.

Levar em consideração a identidade dessas populações se torna essencial para reconhecimento e identificação das reais necessidades das comunidades ribeirinhas, e assim colaborar para construção de conhecimentos que embasem a

construção de políticas públicas e leis que visem melhorar a oferta de serviços as comunidades com mais eficiência, eficácia e equidade, e maior inclusão dessas populações dentro da sociedade.

Dentro das comunidades ribeirinhas da região amazônica, há boa relação entre o homem e a natureza, possibilitando o manejo do ambiente e não colaborando com a degradação do espaço, promovendo, então, a sustentabilidade. Nesse sentido, faz-se extremamente necessário a valorização dos saberes do povo ribeirinho, uma vez que estes convivem em seus cotidianos com diversas questões ambientais e cultivam vivências cheias de histórias, visando não somente o hoje, mas principalmente as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edna. CAMPOS, Índio (Orgs). **Formação Socioeconômica da Amazônia.** Belém: NAEA, 2015. 640 p.

CHAVES, Maria P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia:** o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CUNHA, Larissa. BRIGIDA, Fabricio. SILVA, Tienay. **Resenha:** Formação Socioeconômica da Amazônia. Belém: Novos Cadernos NAEA, 2016. 277–284p.

DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo, Hucitec, 1996, 169 p.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo, companhia editora nacional, 1978.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. PEREIRA, Henrique dos Santos. WITKOSKI, Antônio Carlos, **Comunidades ribeirinhas amazônicas:** modos de vida e uso dos recursos naturais / organizadores - Manaus: EDUA, 2007.

LEROY, J.P., MEIRELES, J. **Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais:** os visados territórios dos invisíveis. In: PORTO, M.F., PACHECO, T. LEROY, J.P., comps. Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa dos Conflitos [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013, pp. 115-131. ISBN 978-85-7541-576-4.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia:** uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. Estudos Avançados, v. 16, n. 45, 2002, p. 107 – 121. Disponível

em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103401420020002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 de julho de 2021.

MENDONÇA et al. Etnobotânica e o saber tradicional. In: PINHEIRO, Sofia. (org.). Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, p. 91 – 105, 2007.

MOREIRA, Eidorfe. **Amazônia:** o conceito e a paisagem. Rio de Janeiro: Agência da SPVEA, 1960. (Coleção Araújo Lima).

REIS, D. C., et al. Temas em Psicologia – 2012, Vol. 20, no 2, 429 – 438.

SILVA, Iraneide Souza. **Da natureza à mesa:** trabalho e trocas materiais e interculturais em uma metrópole amazônica. In: CASTRO, Edna Ramos de; FIGUEIREDO, Silvio Lima. (org). Sociedade, Campo Social e Espaço Público. Belém: NAEA, p. 43 – 57, 2014.

SILVA, Simone Souza da Costa, et al. Rotinas Familiares de Ribeirinhos Amazônicos. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 341-350.